



## Suriname: Natureza e Cultura - Memórias de uma experiência pessoal

Júlio Bittencourt-Francisco<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é um relato de uma experiência pessoal de trabalho, quando passei 10 meses na vizinha República do Suriname, em 2001. Originário do Rio de Janeiro para onde voltava em um período de folga de duas semanas, ficava de cada vez 6 ou 7 semanas no país. Meu caminho de ingresso e retorno ao Suriname se dava via área do Rio de Janeiro até Belém/PA onde pernoitava, e de lá outra conexão aérea ao país vizinho, onde assumia meu posto de trabalho em Paramaribo ou Grönigen. Essas entradas e saídas do país, além das visitas que fiz à Belém, enriqueceu minha experiência pois a cada vez que voltava ao Suriname, no curso daquele ano, no período de folga em casa refletia sobre minhas relações com o país, colaboradores e fornecedores e, também, aclimatava-me com o Norte do Brasil e a população de Belém. No artigo, descrevo características culturais, geográficas, históricas e sociais do Suriname que, embora próximo ao Brasil, tem elementos totalmente diversos, apesar de semelhanças em seu passado colonial.

**Palavras-chave:** Suriname; Cultura; Natureza; Memórias.

## Suriname: Nature and Culture. Accounts of a personal experience

**Abstract:** The article is an account of a personal work experience when I spent 10 months in the neighbouring Republic of Suriname in 2001. Originally from Rio de Janeiro, where I returned for a period of two weeks, I stayed in the country 6 or 7 weeks at a time. My way back to Suriname was via the Rio de Janeiro area to Belém/PA, where I stayed overnight, and from there another air connection to the neighbouring country, where I took my job in Paramaribo or Grönigen. These entries and exits from the country, besides the visits I made to Belém, enriched my experience because each time I returned to Suriname, during that year, I reflected on my relations with the country, collaborators and suppliers and also acclimated to the North of Brazil and the population of Belém. In the article, I describe cultural, geographic, historical and social characteristics of Suriname which, although close to Brazil, has totally different elements, despite similarities in its colonial past.

**Keywords:** Suriname; Culture; Nature; Memories.

### Introdução

No início do ano de 2001 fui chamado por uma empresa canadense de exploração mineral, na qual trabalhava no Brasil, para assumir um posto no Suriname como administrador e gerente de logística, materiais e recursos humanos. Lá atuava, na maior parte do tempo, com surinameses e canadenses, os primeiros, operários e ajudantes e os outros, mecânicos, soldadores e técnicos de perfuração de poços. Nossos locais de trabalho eram os pântanos do litoral do país, em uma área delimitada num campo, não muito longe da capital. Nossa missão era realizar uma série de furos de sonda, não muito fundos — de

---

<sup>1</sup> Doutor em História das Sociedades Ibero-Americanas (PUCRS), Mestre em Memória Social (UNIRIO) Professor de Museologia da UFRGS/FABICO.

até 40 metros —, no solo pantanoso e testar os poços para o potencial da existência de petróleo e gás. O equipamento usado era uma espécie de balsa com dois pontões flutuantes, onde foi montada a sonda com a sua torre, que deslizava pela superfície encharcada, de local em local, onde os furos eram realizados. Ainda havia outra balsa auxiliar, essa equipada com esteiras de metal, que puxava a sonda para os pontos de sondagem e carregava a tubulação e as lamas de sondagem. Minha função, além de contratar pessoal e equipamento, equipar e consertar o material usado e fornecer apoio às operações, consistia em fazer a ligação entre a empresa estatal surinamesa Statsoile e os canadenses, cuidando de toda equipe no que diz respeito à alimentação e acomodação, escala de serviço, desembaraço de peças importadas e manutenção da frota de transporte e materiais. Assim, durante quase todo o ano de 2001, como brasileiro, trabalhei e morei no Suriname, antiga Guiana Holandesa.

### A experiência

Localizado na porção Norte da América do Sul, o Suriname está a 5º acima da linha do Equador, diante do Mar do Caribe, onde a costa tropical pantanosa e úmida se configura em um modelo do tipo amazônico.

Fui incumbido de alugar uma casa grande para empresa. Depois de procurar por algum tempo, consegui uma casa de dois andares e dez quartos, construída em madeira como é a maioria das residências naquele país. Essa servia de alojamento para quase toda a equipe de trabalho, canadenses e alguns surinameses. Sua localização não era distante do local da sondagem, ficando à beira da estrada que vinha da Capital, no centro de um pátio grande e largo. A casa era estrategicamente localizada num trevo que dava acesso a uma pequena cidade chamada Groningen, a quarenta quilômetros a Oeste de Paramaribo, na província de Saramacca.

O local de trabalho era numa área pantanosa denominada Tamburedjo, no distrito de Sara Maria, às margens do Rio Saramacca. O nome Tamburedjo tem origem no vocabulário Javanês, uma vez que o país recebeu, na segunda metade do século XIX, um considerável número de imigrantes provenientes de Java, Indonésia. Os colonos javaneses foram responsáveis por uma importante contribuição na transformação do país. No início, trabalhadores incansáveis que foram no cultivo do arroz. Com o passar dos anos, passaram por processo de urbanização e seus descendentes perfazem 14% da população do Suriname. São famosos por seus restaurantes ou pequenas tendas de beira de estrada, onde servem o ‘Warung’, que significa mais do que um tipo de comida, um modo de se alimentar que tem na culinária típica javanesa, uma espécie de tradição que agrega cultura e comunidade. O idioma javanês é amplamente difundido entre as famílias com essa origem, assim como um extenso vocabulário árabe. Este foi adquirido por meio das orações do Alcorão, pois as famílias dessa origem, todas muçulmanas, ensinam o idioma javanês e as rezas do livro sagrado, as quais desde criança, membros da comunidade recitam de cor. No centro de Paramaribo há uma mesquita gigantesca, curiosamente vizinha de uma Sinagoga, que também conta com grande proporção de fieis.

O distrito de Sara Maria, teria o seu nome, em honra de uma mulher judia, de origem portuguesa, muito influente e importante na região, que viveu em Tamburedjo muitos anos durante a maior parte do século XIX. A região localiza-se entre o litoral pantanoso e o estuário do Rio Saramacca, cujo leito corre cercado por uma área baixa, protegida apenas por um largo e robusto barranco onde há uma mata ciliar

alta, de ambos lados da margem. Atualmente, fazendeiros de origem indiana, que preferem ser chamados de 'hindustanis', são os maiores e poderosos proprietários — muitos são grandes fazendeiros e produtores do local. O principal produto é o arroz, que cresce com muita qualidade e produtividade nas várzeas e férteis planícies, não muito longe do litoral.

Para construir uma casa, ou até mesmo formar uma fazenda, naquela região do Suriname, é necessário aterrar o pântano e criar canais para vazão d'água. A areia é trazida do interior e derramada na área alagada formando platôs, o que viabiliza quaisquer atividades agropecuárias, estradas e estruturas fixas.

### Alguns dados geográficos e culturais

A principal estrada do Suriname corta o país de Leste a Oeste, desde a fronteira com a Guiana Francesa até Nickiery, na divisa com a Guiana (antiga inglesa), e corre paralela ao litoral pantanoso. Está localizada a cerca de 80 quilômetros para dentro do continente, onde o ambiente pantanoso dá lugar a uma maior concentração de bancos de areia naturais, provavelmente formados pelos milhares de anos de fluxo e refluxo de águas amazônicas que fluíam por ali rumo ao mar do Caribe. As estradas próximas do litoral do país são, normalmente, construídas sobre bancos de areia de formação ancestral.

Um geólogo, especialista em petróleo e gás, com quem conversei, disse-me que há milhões de anos, as águas do Rio Amazonas desaguavam por ali, ou seja, no litoral Norte da América do Sul. Fluxos e refluxos dessas águas deixaram, perto do litoral do país, uma vasta região, ainda hoje pantanosa, além de diversos bancos de areia, paralelos ao litoral. Em eras Devonianas, o Rio Amazonas forçou a passagem, arrebatando o litoral do Brasil, formando a Ilha de Marajó. Anteriormente, porém, o caudaloso Rio Amazonas, desaguava no litoral das Guianas. As Guianas são, por certo, o lugar das águas mais puras do planeta. Em língua tupi significa 'águas', simplesmente.

Figura 1 - Mapa do Suriname.



Fonte: <https://www.infoplease.com/atlas/south-america/suriname-map>.

O Amazonas, que descia de seu leito ao Sul procurando o Mar do Caribe, já no hemisfério Norte, em eras glaciais, foi recuando e deixando uma área embebida em lamaçal que até hoje impede a entrada do mar continente adentro. Do litoral das Guianas até o Amapá, no Brasil, pântanos encharcados com vegetação de mato alto e bancos de areias dispostos em linhas paralelas ao litoral caracterizam esta parte do Caribe, que em nada lembra as praias paradisíacas que se associam ao nome ‘Mar do Caribe’. Esses bancos de areia se estendem por mais de cem quilômetros litoral terra adentro. Na verdade, a parte útil do litoral, por assim dizer, do Suriname, foi construída sob esses bancos de areia. Não há praias de qualquer espécie no litoral, exceto numa Ilha muito visitada por turistas. O lugar onde o mar encontra o continente se caracteriza pelas águas barrentas que, subitamente, terminam num lodo que é a base de arbustos e mato alto onde predominam, sob o sol escaldante, aves de rapina, jacarés (espécie Cayman) e a vida selvagem.

O pântano do litoral do Suriname foi retratado no filme ‘Papillon’, nas cenas quando o personagem central da trama foge da Ilha de Santa Helena numa balsa improvisada e, depois de escapar do mar revolto e dos tubarões, entra no inferno pantanoso, levando semanas para atravessá-lo, até chegar a Paramaribo. Nas bordas desses bancos de areia, cujos mais largos não passam de dois ou três metros, estão as águas escuras e paradas de aspecto e odor pouco recomendável ao banho. Existem também, diversos poços e pequenos lagos nas beiras das estradas que são cavados nas margens dos bancos.

Nessas beiradas de estradas, ao longo de todo país (eixo leste-oeste) se pratica o esporte número um e paixão nacional do Suriname: a pesca. Por onde se passa de automóvel é possível observar famílias inteiras, mesmo pessoas solitárias em grande número, com suas pequenas varas de pesca. Tal esporte está em total sintonia com o estado de espírito do surinamês. O povo é pacato, paciente, amistoso e não compreende qualquer tentativa de viver sob estresse. Ao longo da estrada principal do país, anteriormente mencionada, que liga Paramaribo a Nickerie, no oeste do país, fronteira com a Guiana, pode-se observar carros estacionados nos acostamentos, deixando pelo menos duas rodas sob a lateral das estreitas rodovias de asfalto, que são apenas de mão e contramão, construídas por cima desses bancos de areia já mencionados, um pouco mais altas que o pântano que lhes circundam. Felizes, esperando apenas a mordida fatal do peixe na isca, o típico surinamês vê o tempo passar sem pressa. Quando longe das cidades, eles aproveitam ainda mais suas pescarias solitárias ou em grupo. O peixe mais apreciado é uma espécie pequena e de cor escura. Trata-se de um ‘cascudinho’ negro com uma crina que se empina quando fora d’água.

### **Alguns dados históricos**

A capital do país, Paramaribo, foi colonizada na segunda metade do século XVII, a partir de uma fortificação originalmente erguida por franceses e tomada por ingleses. Depois, a partir de 1667, foi ocupada por holandeses, por força de um pacto histórico que incluía uma negociação envolvendo a Ilha de Manhattan, em Nova York, e a expulsão dos Batavos do Nordeste do Brasil que trouxeram com eles judeus de origem portuguesa.

A autoidentificação “português” não é contingente [...] Grande parte dos judeus do país descende de uma elite de plantadores escravocratas portugueses, que se fixou no interior do Suriname século XVII, após serem expulsos do Recife pelos portugueses. O território concedido pela coroa inglesa (o Suriname era, então, colônia britânica) onde os judeus se estabeleceram ficou conhecido como Jodensavanne (literalmente, “savana judaica”), e tem a mais alta

importância na forma como os judeus entendem o passado e sua relação com os ancestrais. O lugar começou a ser ocupado no final do século XVII e foi sendo gradualmente abandonado, por razões diversas, a partir do final do século XVIII, até que em meados do século XIX apenas seus cemitérios estavam em atividade. A imagem que os judeus fazem de si é a de remanescentes de uma elite colonial. Embora haja famílias sefarditas (judeus originários de Portugal e Espanha) e asquenazitas. (oriundos da Europa central e oriental), a herança portuguesa é em geral ressaltada como sendo mais prestigiosa. Há uma longa história de conflitos entre a comunidade portuguesa sefardita e a comunidade alto-germânica asquenazita (LOUREIRO, 2014, p. 48).

O marco zero de Paramaribo, localizado no coração da cidade foi construído em 1661. Trata-se do Forte Willoughby, hoje, sede do Museu Nacional do Suriname, local de mostra e salvaguarda da maior parte do Patrimônio Cultural e Histórico. O forte foi reformado por colonos e militares ingleses no século XVII. Posteriormente, com a chegada dos holandeses, o fortim foi ampliado e rebatizado com o nome de Forte Zeeland. A fortificação histórica que está localizada em frente ao Rio Suriname, para os padrões luso-brasileiros, é um forte acanhado e em nada lembra as fortalezas portuguesas construídas na América Lusitana. O Rio Suriname se desdobra por quase toda a extensão da cidade de Paramaribo e vai desaguar a cerca de 10 quilômetros ao Norte dali, no Mar do Caribe.

A cidade de Paramaribo foi conquistada do pântano ao longo de 300 anos de história. Suas construções, calçadas e ruas ocupam um espaço relativamente pequeno junto à imensidão pantanosa que lhe cerca. As principais avenidas estão por cima de estreitos bancos de areia que desenham o plano urbanístico da cidade que está cercada, por um lado pelo Rio e, por outro, por imensas áreas alagadas que se estendem desde o litoral até uma média de 50 quilômetros, naquele ponto, continente adentro. Paramaribo, a capital, concentra quase dois terços da população dos cerca dos 560 mil habitantes do Suriname.

**Figura 2** - Rush hour in Paramaribo, 2001 (o prédio ao fundo no centro — Cia telefônica —, é um projeto premiado de um arquiteto holandês de construção para áreas tropicais).



Fonte: Acervo do autor.

### Características étnicas e sociais

É fundamental destacar que, ao lado de outras etnias mencionadas aqui, a classe política e elite dirigente do Suriname é composta pelos chamados *creoles*. A etnia corresponde à elite intelectual do país, apesar de representar apenas 16% da população. São pessoas de origem híbrida, ou mestiça, cujo passado remonta a negros e ex-escravos urbanos que se misturaram por laços de sangue a colonos judeus

e a imigrantes holandeses e ingleses. Esse segmento social, ou etnia, formam a maioria dos membros do governo, dos ministérios, do legislativo e das forças armadas do Suriname. Deve-se destacar, sem qualquer dúvida, liderança que detêm sobre as outras etnias, mas também, sua capacidade de articulação política em nível nacional.

No interior do país, o solo é em geral pobre, formado por selva amazônica e áreas de savanas, onde predomina uma areia branca e fina em meio a vegetação, porém, já mais próximo ao litoral, a areia se torna granulosa, amarela e grosseira. Duas das principais tribos indígenas continentais — Arawak e Carib —, ali estavam quando parte da esquadra de Colombo, em 1498, partiu de Santo Domingo, para descobrir novas terras nas Américas do Sul e Central. Entre outras, são as principais tribos que habitam o Suriname, mas também presentes no litoral norte da América do Sul, Caribe e Antilhas e nas florestas da Amazônia brasileira. Ainda como uma espécie de herança do período colonial holandês, a política indianista nacional do Suriname confere a esses povos uma certa dignidade distribuindo terras, tanto em áreas urbanas quanto em reservas no interior. Os habitantes originais do Suriname perfazem hoje cerca de 4% da população do país.

O clima do Suriname é quente e úmido todo o ano. Com duas estações bem definidas: uma chuvosa e outra seca ou menos chuvosa. O calor se divide rigorosamente em doze horas durante o dia e doze durante a noite. Quando chove é sempre muito intenso e a temperatura cai um pouco. Não há água encanada e toda casa ou prédio tem seu próprio sistema de coleta de água da chuva. Mais ou menos do tamanho do Acre ou do Amapá (estados brasileiros), o Suriname é o país de maior diversidade étnica da América do Sul, ainda com muito pouca miscigenação entre as etnias ali residentes. Apesar de diversas tentativas frustradas de trazer europeus para colonizar o país, os holandeses, acabaram por reconhecer que, para viver naqueles trópicos, seria necessário trazer indianos e javaneses de suas colônias orientais.

Figura 3 - Mulher (de origem) javanesa e muçulmana no mercado público em Paramaribo, 2001.

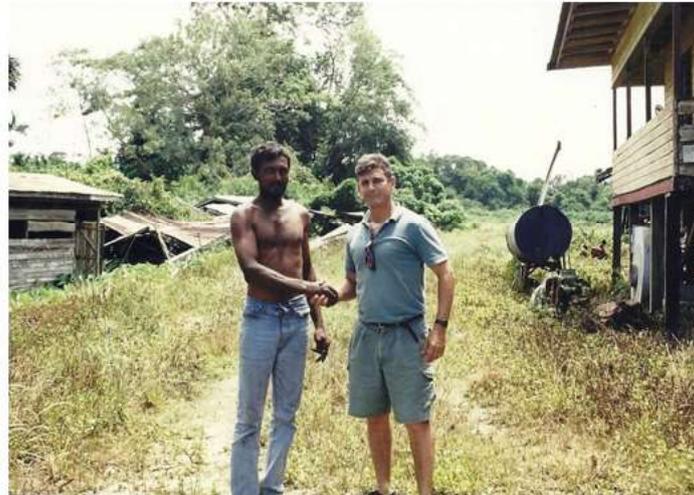


Fonte: Acervo do autor.

Logo após a abolição da escravatura, em 1865, navios abarrotados de ‘dalits’ indianos e famílias de camponeses pobres da Ilha de Java, na Indonésia, chegaram ao Suriname. Posteriormente, juntaram-se a eles, grupos menores de Sírios e Libaneses — esses lá chamados de sírios —, de europeus, especialmente holandeses, chamados de burús e chineses. Esses últimos são descendentes dos primeiros orientais que remontam ao início do século XIX quando foram contratados como trabalhadores rurais. No fim do século XX e início desse século, mais chineses chegaram ao país, perfazendo, na atualidade (2019), uma vibrante

e progressista comunidade. Os holandeses foram os mais vulneráveis a doenças tropicais como a malária e febre amarela que dizimou grande parte desses colonos. Hoje (2019), os descendentes de holandeses, ou burús, correspondem a menos de 2% da população do país, apesar de seu prestígio social e riqueza influenciarem bem mais do que seu percentual na população. No início do século XX, juntou-se ao caldeirão étnico, grupo de chineses que hoje perfazem cerca de 2% da população.

**Figura 4** - O autor com um homem de origem hindustani (Groningen, Suriname 2001)



Fonte: Acervo do autor.

É interessante pontuar que é histórica uma aliança entre ameríndios e negros aquilombados que fugiram para o interior do país. Os nativos entraram em contato com os negros fugidos das grandes fazendas dos colonizadores no século XVII e até hoje convivem num ambiente de harmonia e respeito no interior do Suriname. Os indígenas ensinaram aos quilombolas como sobreviver naquele ambiente novo, plantando a mandioca e, em contrapartida, aprendendo com os descendentes de africanos a cultivar e comer seus inhames, enquanto observavam crescer, solenes e majestosas, nas matas e savanas, os gigantescos sagrados Baobás, cujas sementes os escravos trouxeram desde o continente africano. Observa-se em abundância, por toda extensão do país, o Rei das Matas, como são chamados os Baobás centenários do Suriname. No entorno dessas árvores, é o lugar onde os Maroons cultuam seus antepassados, entregando o corpo morto de seus entes queridos para o solo próximo à grande árvore. Ameríndios e *Maroons* construíram um encontro étnico e de comunhão de conhecimentos e tecnologia tropical de sobrevivência.

Os *hindustani*, cuja grande maioria é proveniente dos estados indianos de Bihar e Uttar Pradesh Oriental, localizados no norte da Índia, ao longo da fronteira com o Nepal, foram trazidos pelos colonizadores no século XIX. Seus descendentes são hoje os comerciantes e fazendeiros mais prósperos do Suriname. Perfazem cerca de 30% da população e contam com seu próprio partido político com grande influência e prestígio nacional. São também os donos das maiores fazendas de arroz, principalmente junto ao litoral e as maiores casas comerciais de Paramaribo e Nickerie. A etnia é muito religiosa e extremamente ligada às suas grandes famílias. A variedade de seus templos, dedicados a várias divindades e tradições milenares do subcontinente indiano, salpicam lugares diversos no interior e nas cidades do país. Outra característica marcante, que denuncia a presença hindustani por todo o Suriname, são as pequenas bandeirolas amarelas e vermelhas, hasteadas em altas varas de bambus nos pátios das casas surinamesas. Algumas já desbotadas e rasgadas pelo tempo, outras bem novas e recém-erguidas.

Elas representam, dependendo da cor, a memória dos funerais de entes queridos, mas também a residência onde moram famílias de origem indianas. Essas bandeiras, chamadas de ‘fragas’, são erguidas cada vez que a família se reúne em homenagem a um ente querido.

Após embarcarem para a época do indentured, os autores destacam-se “três grandes tendências”, tomadas enquanto “tipos ideias”, do “processo de mudança social” que “incidiu” sobre os indianos. Em primeiro lugar, o “conservacionismo” resultante da “retenção” de certos “costumes” trazidos da Índia, como a língua, os “rituais locais e de casta”, as “crenças panteístas”, o “reconhecimento da validade” da casta, embora as “prescrições a ela associadas não fossem preenchidas” e a “tentativa de preservar”, “tanto quanto possível”, “algo da vida dos vilarejos da Índia”. Entretanto, os indianos não deixaram de “adotar”, em alguma medida, os valores de “outros guianenses” na “avaliação” que fizeram de sua “própria cultura” (MELLO, 2014, p. 54).

Os *creoles*, como já dito, são negros mestiços urbanos, principalmente de Paramaribo e Nickiery e constituem a elite intelectual e política do país. Desenvolveram, ao longo da história do país, a chamada ‘língua franca’. O Saranang Tonga, também conhecido como taki-taki. Saranang significa levante e Tonga vem de Tong, de língua, em inglês. O taki-taki é uma mistura de línguas africanas, inglês, português, espanhol e holandês. Alguns pesquisadores consideram o taki-taki uma língua de resistência ao colonialismo e uma das instituições mais autênticas que confere legitimidade e unidade, em que pese a diversidade étnica que caracteriza a população do Suriname.

Os chamados *Maroons* (quilombolas), são cerca de 20% da população e se dividem em dois grandes grupos étnicos: os Saramaccas e os Sapinies, cada um ainda preserva sua identidade cultural e suas características como língua e cultura. Os Saramaccas ocupam o centro do Suriname até a Serra de Tumucumaque, fronteira com o Brasil. Os Sapinies localizam-se na fronteira leste, ou divisa com a Guiana Francesa. Interessante notar a influência portuguesa no *patuá* falado pelos Saramaccas. Suas palavras mais contundentes como, por exemplo: faca, sangue, pé, pau, são em português, denunciando, muitas vezes, a terrível repressão exercida pelos famosos tratadores e capitães-do-mato portugueses.

Muitos desses negros foram trazidos ao Suriname diretamente do continente africano, na primeira metade do século XIX. No Suriname uma de suas principais tarefas era a reprodução para abastecer o mercado de escravos do Caribe, em franca expansão com as ‘plantations’, mas também do Brasil depois da proibição do tráfico negreiro com a edição, pelos Ingleses, da Bill Aberdeen, de 1845. Assim, o Suriname passou a servir como uma espécie de seleiro para exportação de mão de obra, principalmente para o Haiti e a Jamaica, onde as grandes fazendas dominavam o modelo econômico explorado pelos poderes coloniais europeus. O caminho do sul acredita-se, aconteceu em larga escala também, tendo em vista a proibição do tráfico negreiro no Brasil através da Lei Euzébio Queiroz de 1855, o que explica a presença de expressões portuguesas no idioma Saramacca, uma vez que brasileiros e portugueses nesta época eram conhecidos como os maiores e mais cruéis tratadores e traficantes de escravos.

A expansão dos ideais revolucionários haitianos acabou por influenciar o grande levante escravo de 1865, no Suriname, o que, culminou com a abolição da escravatura no país. O fim do levante foi negociado de um lado por um almirante inglês, cuja esquadra interveio as pressas para salvar a minoria branca ali residente. A maioria negra, por fim, obteve autorização para ocupar o interior do país de forma livre. A origem dos negros do Suriname é diversa, sabe-se apenas que foram trazidos de diversas regiões da África. Os que vieram das fazendas do Haiti e da Jamaica foram protagonistas de rebeliões e fugas em massa para o

interior. Estudiosos do mundo inteiro ainda consideram os *Maroons* do Suriname como a fonte mais pura para o estudo dos hábitos, cultura e do idioma falado por esses negros. O isolamento durante mais de um século preservou vestígios culturais, principalmente aqueles identificados como sendo parte da cultura do Congo. Hoje, essas comunidades *Maroons* são proprietárias de imensa região e terras no interior do país.

A maior parte dos brasileiros residentes no Suriname é originária dos estados do norte e nordeste e são, em sua maioria, garimpeiros ilegais a serviço dos *Maroons*, detentores dos direitos da terra ainda rica em ouro no interior do país. Estima-se em 40 mil, o número de brasileiros ilegais trabalhando na lavra de metais preciosos. Na década de oitenta do século XX, por ocasião do levante dos *Maroons* que se rebelaram e se organizaram em milícias armadas, incitados pelo sargento Dési Bouterse, os indígenas foram seus únicos aliados e por pouco não tomam o poder no Suriname. Um grande acordo de conciliação nacional, que garantia terras aos índios e quilombolas fez com que essas populações voltassem aos seus territórios no interior, abandonando a luta armada que já se aproximava da capital.

A história do Suriname tem também ligações com os eventos ocorridos no nordeste do Brasil. Judeus holandeses, provavelmente expulsos de Portugal e depois de breve passagem por Pernambuco, logo após a reconquista, afluíram ao Suriname. Lá fundaram Sinagogas na capital e, até mesmo, construíram uma cidade perto de Paramaribo, conhecida como Jungensavanah. Esta, incluída nos roteiros turísticos mais conhecidos do país, ainda preserva algumas casas de madeira do fim do século XVII, sugerindo ter sido ali uma espécie de comunidade agrária de colonos judeus. Há no local um prédio em ruínas, que vem a ser, segundo as informações colhidas no local, uma das primeiras Sinagogas das Américas. Alguns desses judeus, proeminentes fazendeiros, todos com sobrenomes portugueses, ainda têm suas lápides preservadas em granito no meio de um pequeno gramado, à sombra de imensa árvore centenária com mais de quarenta metros de altura no centro de Paramaribo.

**Figura 5** - Túmulo de uma criança Judia, por isso os anjos... (sepultada no século XVIII). Escrito em Hebraico e português. Paramaribo, 2001.



Fonte: Acervo do autor.

Observei que algumas lápides estão repletas de signos cabalísticos e com inscrições metade em português, metade em hebraico e são muito antigas, remetendo aos anos de 1655 e 1715. Há um cemitério judeu que hoje ocupa uma pequena área nobre e valorizada da cidade de Paramaribo, ao lado do início da movimentada via Kwataweg, bem no centro da cidade. Os descendentes ainda ostentam seus sobrenomes portugueses como, por exemplo, a família Fernandes. Eles são conhecidos por serem os donos de vasto grupo empresarial surinamês, envolvido na fabricação, representação e distribuição, por todo o Caribe, de bebidas, refrigerantes e pelo comércio de pães e sorvetes. É comum encontrar, porém, sobrenomes portugueses na população mestiça, tipicamente urbana, classe média, chamados de *creoles*.

## Conclusão

A maioria das pessoas do Suriname vive na estreita planície costeira do norte. A população é, etnicamente, uma das mais variadas do mundo. Cada grupo étnico preserva sua própria cultura e muitas instituições, incluindo partidos políticos, tendem a seguir linhas étnicas. Os relacionamentos informais variam: de uma forma geral as classes altas de todas as etnias se misturam livremente; fora da elite, as relações sociais tendem a permanecer dentro de grupos étnicos. Todos os grupos podem ser encontrados nas escolas e nos locais de trabalho.

O que é surpreendente no Suriname é a diversidade da sua cultura. Para começar são diversas etnias que sem se misturar dividem respeitosamente o mesmo território. Depois o que é fascinante é a ausência de miséria extrema. Não há favelas e todos os surinameses que conheci, falam ao menos três idiomas: holandês, espanhol e inglês. Esses idiomas são conhecidos pela maioria dos estudantes em nível médio do país. Além disso, ainda se fala nas ruas e entre eles, informalmente, a língua, ou *patuá* local o *taki-taki*, além do idioma que cada indivíduo étnico mantém: javanês, chinês ou hindustani dentro de casa. Durante minha estadia no Suriname, aprendi a dizer algumas frases em *taki-taki*, como por exemplo: Eu não falo *taki-taki*, que se diz assim. “*Mi num sabi taki-taki bum*”. Ou por exemplo. “*Mi go uoroco tumorou*”. Ou seja: eu vou trabalhar amanhã.

Os descendentes dos respectivos grupos étnicos falam sua língua de origem (hindustani, javanês ou *Maroons*, também chamados de *djucás*). Além disso, o espanhol é altamente difundido no país. Outro fator que reputo importante e, talvez, responsável pelo nível cultural do país é o fato de haver uma escola pública, com horário integral, localizada a cada dois quilômetros em qualquer direção, ou seja, pode se ter acesso a pé, de qualquer lugar no Suriname, a uma escola pública que está aberta a qualquer um, independentemente da etnia a qual pertence e do nível social do cidadão. Isto, talvez herança colonial holandesa. Ainda neste sentido, destaco o fato de haver, sem intervenção do Estado, uma consciência de controle de natalidade. A média de filhos por casal é muito baixa e não me lembro de ter visto nenhuma família sem casa, por mais humilde que fosse. As residências dos pobres são geralmente humildes, mas ainda assim, guardam algum aspecto digno.

## Referências

LOUREIRO, T. de N. M. Artefatos genealógicos e ancestralidade judaica no Suriname. **Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, UFJF v. 9, n. 2 jul./dez. 2014. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view>. Acesso em: Ago. 2019.

MELLO, M. M. **Devoções manifestas**. Religião, pureza e cura em um templo hindu da deusa Kali (Berbice, Guiana). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Museu Nacional, UFRJ, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/30207262/Devo%C3%A7%C3%B5es\\_manifestas.\\_Religi%C3%A3o\\_pureza\\_e\\_cura\\_em\\_um\\_templo\\_hindu\\_da\\_deusa\\_Kali\\_Berbice\\_Guiana.\\_Tese\\_de\\_Doutorado?auto=download](https://www.academia.edu/30207262/Devo%C3%A7%C3%B5es_manifestas._Religi%C3%A3o_pureza_e_cura_em_um_templo_hindu_da_deusa_Kali_Berbice_Guiana._Tese_de_Doutorado?auto=download). Acesso em: ago. 2019.

SURINAME Census Definitive Results. Algemeen Bureau voor de Statistiek, 2012.

## Referências Iconográficas:

FRANCISCO, J.B. **Suriname**: Paramaribo e Grönigen. 35mm. Kodakolor. Fevereiro a novembro, 2001

MAPA DO SURINAME. Fonte: <https://www.infoplease.com/atlas/south-america/suriname-map>. Capturado em 12 de dezembro de 2019.

Recebido em: 30/06/2019.

Aceito em: 17/12/2019.